

A psicanálise como formação do inconsciente: a dinâmica dos atos nas obras de Freud

Preu, Roberto de Oliveira; Campos, Érico Bruno Viana; Martini, André de

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

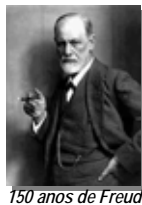
Preu, R. d. O., Campos, É. B. V., & Martini, A. d. (2006). A psicanálise como formação do inconsciente: a dinâmica dos atos nas obras de Freud. *ETD - Educação Temática Digital*, 8(esp.), 187-202. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-74069>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier: <http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see: <http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

**A PSICANÁLISE COMO FORMAÇÃO DO INCONSCIENTE:
A DINÂMICA DOS ATOS NA OBRA DE FREUD**

Roberto de Oliveira Preu
Érico Bruno Viana Campos
André De Martini

RESUMO

O presente artigo consiste em uma breve apreciação sobre o jogo entre intenção e realização na psicanálise. Busca assinalar como o sucesso de Freud no estabelecimento de uma verdade sobre o psiquismo se dá ao preço de uma subversão de seus projetos iniciais e de boa parte de suas concepções epistemológicas. Partindo da caracterização do ato intencional e de seu correlato psicanalítico, o ato falho, busca, por meio de exemplos ilustrativos dos impasses e desvios da obra freudiana, sustentar que seu legado é, em parte uma formação do inconsciente. Nesse sentido, procura caracterizar o criador da psicanálise como um herói que venceu por seus fracassos e pela travessia do trágico, bem ao estilo do que caracteriza, acima de tudo, o sujeito da psicanálise: o sujeito do inconsciente.

PALAVRAS-CHAVE

Psicanálise; Sigmund Freud; Ato; Inconsciente

**THE PSYCHOANALYSIS AS FORMATION OF THE
UNCONSCIOUS: THE DYNAMICS OF THE ACTS IN THE FREUD
WORKMANSHIP****ABSTRACT**

This paper approaches the interaction between intention and realization in psychoanalysis. It intends to show how Freud's successes in determine a truth about the psychic apparatus due to subversion on his initial project as well as on his epistemological conceptions. Beginning with the definition of intentional act and its psychoanalytical associate, the parapraxis, it intends, through illustrative examples of the impasses and detours on Freud's work, to sustain that his legacy is, in part, an unconscious formation. In this sense, it tries to characterize Psychoanalysis' initiator as a hero who won by its failures and working through tragedy, just like how it is defined, above all, the subject of Psychoanalysis: the subject of the unconscious.

KEYWORDS

Psychoanalysis; Sigmund Freud; Act; Unconscious

INTRODUÇÃO

Há, sem dúvidas, inúmeros modos de se contar a trajetória de um herói. Pode-se, de uma certa perspectiva mais apologética, enumerar seus feitos e exaltar suas conquistas. Pode-se, de outra maneira, buscar nos meandros de suas batalhas os percalços de suas trilhas, as armadilhas de seu percurso ou a angústia de seu destino. De um modo ou de outro, seja tratando apenas dos momentos de glória, seja sublinhando as dificuldades impostas para chegar lá, estaríamos falando sempre de um projeto que se realizou, sempre de uma história em que o mundo se dobrou a uma vontade, sempre de uma intenção bem sucedida. No caso de um navegador diríamos que seu sucesso corresponderia ao mundo que ele descobriu; no caso de um guerreiro, ao mundo que ele conquistou; no caso de um revolucionário, ao mundo que ele transformou; no caso de um cientista, ao mundo do qual a verdade ele revelou.

No caso da personagem que pretendemos tratar aqui, podemos dizer de um mundo que foi por ele conquistado; de um mundo que foi por ele descoberto; de um mundo que foi por ele transformado e revelado. Porém, nesse caso, nos indagamos: terá sido a trajetória de Freud um destino bem sucedido? Será que em seu caso podemos dizer que se trata de uma intenção realizada? A resposta será negativa, caso nos conformemos com a perspectiva de que a realização de uma intenção é o efeito que lhe corresponde de forma clara e direta, como julga uma filosofia idealista tradicional. Contudo, sob uma outra perspectiva, poderíamos atribuir uma resposta afirmativa a esta indagação. Para isso, basta recorrermos ao próprio Freud e admitirmos que há muito mais elementos entre uma intenção e sua realização do que julga a filosofia clássica.

Pretendemos, neste artigo, fazer uma breve apreciação sobre o jogo entre intenção e realização para assinalar como o sucesso da produção teórica de Freud, sua eficácia no estabelecimento de uma verdade sobre o psiquismo, se dá ao preço de uma subversão de seus projetos iniciais, de boa parte de suas concepções epistemológicas e mesmo a despeito daquilo que ele julgava ser um ideal de verdade mais elevado.

Partimos de uma breve caracterização do ato intencional e de um correlato psicanalítico seu, o ato falho, visando situar o projeto de Freud em relação àquilo que ele efetivamente empreendeu. Posteriormente, buscaremos alguns exemplos ilustrativos nos próprios impasses e desvios do texto freudiano, para assim sustentar o que

queremos afirmar. Ao fim, esperamos estar diante de um herói que venceu por seus fracassos e pela travessia do trágico, bem ao estilo do que caracteriza, acima de tudo, o sujeito da psicanálise: o sujeito do inconsciente.

DO ATO INTENCIONAL AO ATO FALHO

Como podemos caracterizar um ato intencional e sua realização, do ponto de vista do senso comum? Para que haja uma ação é preciso, em primeiro lugar, pressupor um sujeito – agente desta ação – e um mundo objetivo sobre o qual esta ação é exercida. Além disso, para que tal ação possa ser caracterizada como intencional, é preciso que o agente se encontre em um determinado estado subjetivo, ou seja, que ele tenha a intenção de produzir uma transformação qualquer neste mundo. É necessário, também, que tal ação seja realizada, ou seja, que a transformação objetivamente se efetive. Por fim, devemos considerar que o resultado da ação – a transformação do mundo objetivo – seja causado pelo estado subjetivo, isto é, pela intenção do agente.

Somente quando estas quatro condições são satisfeitas podemos dizer que a ação foi intencional. Lembremos, então, de uma situação em que a última condição não é satisfeita. No filme *Ensaio de um Crime*, de Luis Buñuel, vemos uma cena onde um menino tem a intenção de matar sua babá. A primeira condição é satisfeita: há o menino e a babá – agente e paciente da ação; a segunda também, posto que há a intenção por parte do menino de matar a babá. A terceira condição também está presente, uma vez que a transformação desejada ocorre, ou seja, a babá é morta. Entretanto, a última condição não acontece, já que a morte da babá não é causada pela intenção do garoto. É justamente o fato do garoto não perceber isso, isto é, o fato dele considerar que toda a ação se deu por efeito de sua intenção que serve de mote para todo o filme. No entanto, para nós, espectadores comuns do filme, não é possível caracterizar plenamente esta ação como intencional, uma vez que a consequência desejada não foi causada em uma relação direta com a intenção do agente.

Entretanto, podemos imaginar uma outra situação na qual tais condições parecem estar todas elas satisfeitas e, ainda assim, teríamos dificuldades em considerar que houve uma ação intencional: imaginemos que alguém tenha a intenção de fechar uma porta para escapar de uma situação de risco. Suponhamos que este perigo iminente gere um estado de excitação e ansiedade tais que ao se dirigir à porta para fechá-la o

agente esbarre nela “sem querer”, proporcionando que ela se feche. Neste caso, temos uma situação em que há um agente e um paciente; há intenção de produzir determinada transformação. Tal transformação é realizada e, de certo modo, esta realização é efeito da intenção, posto que esta última exacerbou a situação de tensão cuja descarga calhou produzir a transformação, uma vez que para fechar a porta teve de se aproximar da situação de risco. No entanto, neste caso, temos que considerar que não houve uma relação direta entre a intenção subjetiva e a transformação no mundo objetivo. A intenção estava vinculada, antes, a uma condição subjetiva peculiar - uma tensão - cuja descarga produziu a transformação objetiva.

Estamos, até aqui, próximos a constatar o modo pelo qual um ato intencional se converte em ato falho. Necessitamos, entretanto, caracterizar de modo um pouco mais preciso, o que se define como ato falho. Imaginemos que um sujeito vá a uma feira e no meio de suas compras seja interpelado com a insinuação de que sua mãe seria uma prostituta. Ele tem a intenção de responder, mas, para não criar uma situação desagradável, ele guarda para si suas intenções. Eis que lá pelas tantas ele chega a uma barraca de mamão, e diz para sua esposa: “precisamos comprar mamãe!”. Aqui também encontramos o caso de uma intenção que gera uma tensão subjetiva, sendo esta, por sua vez, a responsável por uma ‘descarga’ sob a forma de uma troca de palavras. No entanto, enquanto que no caso da porta não havia nenhuma restrição quanto à intenção de fechá-la, neste segundo exemplo a intenção de responder à ofensa foi inibida por uma restrição: há a intenção de responder à interpelação, mas há também a intenção de não criar confusão. Neste caso, a tensão causada por esse conflito é contida e descarregada fora do contexto, de forma que a intenção acaba se realizando intempestivamente por vias tortas, mas sem deixar de revelar uma verdade inesperada. É importante considerar que, apesar da intenção realizar-se em um ‘descontexto’, em um ato descabido em relação à intenção original, há a revelação de uma verdade. Desse modo, poderíamos supor que ‘comprar mamãe’ carrega sentidos que se relacionam com a idéia de uma ‘mãe prostituta’, sendo isto relevante na vida psíquica daquele sujeito.

Interpretações à parte, isso que Freud descobriu – o modo pelo qual os atos intencionais se convertem em atos falhos – parece-nos uma preciosa chave de leitura para caracterizar sua obra, no que concerne aos seus modos de produção de conhecimento.

INTENÇÕES E DESCARGAS

Sabemos, por seus biógrafos (GAY, 1989) e pela descrição do próprio Freud, em sua “História do Movimento Psicanalítico” (1996b), o quão difícil foi para o médico judeu dar visibilidade às suas descobertas em uma sociedade austríaca anti-semita e em uma comunidade acadêmica fechada a todo tipo de conhecimento que inferisse algo cuja verificação era avessa aos métodos experimentais e de observação tradicionais. Entendemos, de um lado, seu esforço político, às vezes quase irracional, para se aliar ao núcleo suíço dos médicos que se dispunham a compreender e praticar a psicanálise, uma vez que estes médicos eram praticamente os únicos não judeus que se dispunham a considerar relevantes suas descobertas. Notamos, por outro lado, sua tentativa incessante de se manter no campo das ciências naturais cuidando para convencer através de longos argumentos que suas teorizações baseavam-se, em última instância, nas mais elementares observações empíricas. Todo este esforço não nos permite supor que Freud queria ser reconhecido como um homem à frente de seu tempo. Ao contrário, sua intenção primordial era a de ser reconhecido por seus contemporâneos; era fazer da sua psicanálise uma ciência nos moldes das demais ciências da natureza; era a de construir um conhecimento que pudesse ser reconhecido como uma verdade universal.

Apesar disso, não podemos também deixar de reconhecer que, desde o princípio, talvez por sua própria personalidade, as questões e teorizações de Freud apontavam para temas que ultrapassavam em muito os limites do universo da ciência de seu tempo. Além disso, nosso herói, quando ainda jovem, almejava um reconhecimento bem maior do que poderia pretender um simples cientista da virada do século. Se hoje, em pleno século XXI, nós comemoramos os 150 anos de nascimento deste pesquisador do século XIX, ele assim já o previa. Aos 29 anos, escreve a Martha, que viria a ser sua esposa:

Estou quase acabando de realizar um de meus projetos. É algo que certos infelizes que ainda não nasceram hão de lamentar um dia. Como você não vai adivinhar a quem estou me referindo, vou lhe contar: são os meus biógrafos. Destruí todos os meus diários dos últimos quatorze anos, além das cartas, anotações científicas e dos originais de meus trabalhos... Todas as minhas reflexões e os sentimentos que me haviam inspirado o mundo em geral e eu mesmo em particular foram declarados indignos de sobreviver. Será preciso repensar tudo isso de novo; e eu não tinha rabiscado pouco... Quanto a meus biógrafos que se enfureçam! Não temos nenhuma intenção de facilitar-lhes a

tarefa: cada um deles terá razão em sua maneira pessoal de explicar o desenvolvimento de um herói. (MANONNI, 1994, p.21)

Há muito que se analisar nessa declaração, a começar pela previsão da importância que seu nome viria a ter para infelizes que sequer haviam nascido. Para nós, nos interessa apenas dois aspectos que pretendemos comentar e ilustrar. Em primeiro lugar, o fato de que ele põe no mesmo nível as reflexões e sentimentos sobre o mundo em geral e sobre si mesmo. Conhecer o mundo era algo que dialogava com suas próprias indagações particulares. De certo modo, resolver os problemas do mundo era dissolver os seus próprios. Mas, novamente, interpretações à parte, o aspecto mais fundamental – e também o mais patente – que esse trecho nos revela é um modo peculiar de ruptura na produção teórica. Vendo frustradas suas intenções de jovem cientista, Freud descarrega seus impulsos destrutivos e se desfaz de tudo o que havia produzido até então, se impondo a tarefa de repensar tudo de novo. Isso irá caracterizar, de certo modo, toda a sua produção teórica, bem como definir de modo significativo os momentos de transição e “ruptura” que identificamos no interior de sua obra.

É assim que em 1895, exausto pelas dificuldades que a psicologia e o tema da consciência impunham ao seu *Projeto para uma Psicologia Científica* (1996a), ele abandona o manuscrito e desiste de publicá-lo. Da mesma forma, não satisfeito com os limites que os princípios fundamentais que formulara para explicar o funcionamento do aparelho psíquico, ele, em 1920, ultrapassa as fronteiras do campo teórico inicial e se lança em especulações “pouco científicas” sobre determinações que se dariam para *Além do Princípio de Prazer* (1996c).

Se não estivéssemos hoje na condição de quem já pôde constatar o quanto sua obra transformou o mundo em que vivemos, poderíamos nos indagar: será que uma obra feita de rupturas e extrapolações dos limites de cientificidade poderia ter durado tanto tempo, uma vez que estes definem o estabelecimento de um valor universal de verdade?

Freud nos ensinou o que Lacan, na década de 1960, veio a constatar:

O modo sob o qual um conhecimento se especifica por suas estereotípias, e igualmente por suas descargas, para testemunhar uma outra função, podia prestar-se a enriquecimentos a que nenhum academismo, ainda que de vanguarda, não teria recusado sua benevolência. (LACAN, 1998, p. 70)

CASOS DE INTENÇÕES E RUPTURAS

Do ponto de vista teórico-acadêmico, acreditamos poder identificar e caracterizar alguns momentos da obra de Freud em que este jogo entre intenção e descarga comparece tipificando um certo tipo de movimento de ruptura. Esse movimento pode ser caracterizado por uma dupla necessidade, análoga a que Michel Foucault (2000) identifica no decurso da história da psicologia. De um lado, a necessidade de determinar com todo o rigor as especificidades de seu objeto; de outro, a necessidade de reduzir tais especificidades a leis científicas que estabeleçam entre os fenômenos observáveis relações quantitativas precisas. Ora, todo problema reside na contradição que há entre estes dois postulados. Quanto mais se aproxima de seu objeto, mais ele vê aparecer propriedades qualitativas que o especificam. Quanto mais tenta estabelecer relações quantitativas, mais vê desaparecer aquilo que efetivamente caracteriza a singularidade de seu objeto.

Podemos resumir o movimento da obra de Freud como uma tentativa incessante de representar em sua totalidade o aparelho psíquico. Vemos como resultado que aquilo que permaneceu como a contribuição mais potente de sua obra foi a revelação de que o verdadeiro núcleo do que determina nossa vida psíquica aponta para uma dimensão que escapa a toda tentativa de representação. Ou seja, a intenção inicial acaba gerando uma tensão de tal ordem que termina por descarregar-se em uma verdade inesperada!

Pontuaremos agora dois momentos da obra de Freud em que este movimento se impõe de modo ilustrativo: no *Projeto para uma Psicologia Científica* e nos *Artigos de Metapsicologia*.

No *Projeto* a intenção cientificista é enunciada já na primeira frase: “A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornado assim esses processos claros e livres de contradição”. (FREUD, 1996a, p.347)

Dois postulados são tomados de antemão. O primeiro afirma que o aparelho a ser descrito, cujo funcionamento representa o próprio funcionamento psíquico, é composto de um conjunto de neurônios – definidos como partículas materiais

especificáveis. O segundo, que este aparelho é atravessado por uma quantidade de energia (Q). Por meio desses dois postulados simples, Freud obtém um resultado impressionante. Ele consegue descrever um mecanismo - o trilhamento - que explica a diferenciação do tecido neuronal através da passagem dessa energia pela matéria e propor, assim, um modelo explicativo do aparecimento de duas faculdades psicológicas específicas: a percepção e a memória.

A tese geral pode ser descrita, de modo breve e condensada, da seguinte maneira: esses neurônios estariam ligados entre si numa espécie de rede. Entre eles, formar-se-iam barreiras de contato, que inibiriam a passagem de energia. Na periferia do aparelho, os neurônios estariam expostos de maneira mais direta à energia e esta iria perdendo a força na medida que fosse se entranhando em direção às partes mais internas do aparelho, por conta da inibição de descarga proporcionada pelas barreiras de contato. Essa idéia permite diferenciar neste aparelho dois tipos de neurônio - ϕ e ψ - que corresponderiam respectivamente às funções da percepção e da memória.

Uma metáfora desse processo poderia ajudar na explicitação do mecanismo. Quando desbravamos uma mata virgem, formamos uma trilha no caminho que percorremos. Quanto mais vezes percorremos a mesma trilha e quanto mais poderosos os instrumentos de que dispomos para desbravar a mata, mais permanentes e indiferenciadas se tornam as trilhas que formamos nos limites da floresta. Quanto mais avançamos em direção ao interior da floresta, estas trilhas se tornam mais densas, mais capilarizadas, o que significa dizer que elas oferecem maior resistência, ao mesmo tempo em que se apresentam mais diferenciadas. Assim, podemos dizer que a periferia do sistema corresponde ao limites da floresta, onde se encontram os neurônios ϕ , receptores de Q proveniente do exterior do sistema. A parte mais profunda do sistema corresponderia às trilhas capilares, mais diferenciadas, onde se acham os neurônios ψ , que constituem as diferentes representações que compõem a memória.

Para o que nos interessa caracterizar aqui – os avanços e limites dessa teoria –, podemos propor o seguinte problema: tomemos em consideração o sentido comum segundo o qual exprimimos nossos afetos, tais como “gosto muito de coca-cola”, “tal pessoa é o grande amor da minha vida” ou “temo a Deus sobre todas as coisas”. Nessas proposições pelas quais expressamos comumente nossos afetos, podemos destacar três fatores. O primeiro diz respeito a uma intensidade quantitativa – energia (Q) –,

dimensão interna ao próprio afeto, cuja diferença que podemos estabelecer é da ordem de uma quantidade ou de uma grandeza. O segundo constitui uma diferença representativa, dimensão exterior ao afeto, mas que como vimos pode ser descrita em termos de uma diferenciação do tecido neuronal, a partir do qual se destaca uma idéia com a qual esta energia aparece ligada. Para além dessas duas dimensões, que podem ser reduzidas a uma explicação fisicalista e quantitativa, subsiste uma terceira com a qual podemos caracterizar uma qualidade intencional desses afetos; dimensão esta que implica uma diferença qualitativa do próprio afeto, que é relativa a sua propriedade transitiva, isto é, de referir-se ou ligar-se imediatamente a algo: gosto de X, amo Y, temo a Z. Dessa forma, coca-cola, tal pessoa e Deus se colocam a mim cada um de tal forma que meu afeto se traduz nas distintas ligações de gostar, amar e temer.

Nesse momento da produção de Freud, o foco é lançado sobre as duas primeiras dimensões. O que está em jogo é o processo de ligação e de desligamento entre uma quantidade energética, dimensão somática do fenômeno, e a idéia ou a representação, dimensão psíquica. A terceira dimensão, que define o limite entre o somático e o psíquico, é até então ignorada por Freud, mas, como veremos, não deixará de comparecer e causar problemas para a finalização da elaboração da proposta do *Projeto*.

Ora, se eu digo gosto de coca-cola mais do que gosto de pepsi, posso considerar que a energia que eu invisto em cada caso é qualitativamente indiferenciada, e que a diferenciação em jogo é relativa ao fato de uma representação se encontrar mais ou menos investida do que outra. No entanto, não posso dizer que gosto mais de coca-cola do que de Florianópolis, pois a diferença, nesse caso, é inerente ao próprio tipo de investimento. Isso implica a distinção de qualidades e, neste ponto, o *Projeto* começa a fracassar. Aqui, Freud parece beirar o umbigo do sonho de uma psicologia científica.

Sendo a teoria quantitativa suficiente para explicar o processo de diferenciação que vai da percepção à memória, resta ainda um problema fundamental: o problema da qualidade, mais especificamente da consciência, definida como a instância pela qual percebemos qualidades.

Na carta 27, remetida a Fliess em agosto de 1895, quando se declara a ponto de desistir do *Projeto*, Freud escreve:

A Psicologia representa, positivamente, uma cruz para mim. Seja como for, jogar boliche e colher cogumelos são atividades muito mais saudáveis. Afinal, eu queria apenas explicar a defesa, mas, quando dei por mim, estava tentando explicar algo que pertence ao próprio núcleo da natureza. Tive de elaborar os problemas da qualidade, do sono, da memória — em suma, a psicologia inteira. Agora não quero mais ouvir falar nisso. (FREUD, 1996a, p.336)

Vemos aparecer nessa declaração de 1895 o mesmo tipo de reação que o vimos ter 10 anos antes, em relação aos seus escritos de juventude. Aqui, tendo frustrada a intenção de estabelecer as bases de uma psicologia científica, ele concluiu que era tempo de jogar boliche e colher cogumelos. Pouco tempo depois, como desdobramento desta problemática, descarregando esta tensão por outras vias, ele dá ao mundo a *Interpretação dos Sonhos*, o pilar mais sólido de toda sua obra, marco inicial do que se tornou a psicanálise.

O segundo momento ilustrativo na obra de Freud de uma intenção inicial que acaba gerando uma tensão que acaba por se transformar em uma verdade inesperada pode ser encontrado nos *Artigos de Metapsicologia*. Ali, novamente, encontraremos um interessante jogo entre teses e antíteses que se frutificam mutuamente, apontando para um campo epistemológico além da sua circunscrição inicial.

Como se sabe, os citados artigos constituem um momento de síntese teórica e conceitual das descobertas da psicanálise às portas da maioridade. O editor inglês das obras completas nos conta que Freud tinha a intenção inicial de escrever um livro com os doze artigos que versavam sobre os conceitos metapsicológicos básicos e que sete desses artigos nunca foram publicados, sendo posteriormente destruídos pelo próprio autor (FREUD, 1996b, p.111).

Ora, esse fato por si só denota a relação compulsiva de Freud com sua obra, rompendo com suas intenções iniciais diante da frustração que as rupturas conceituais traziam ao seu castelo de cartas metapsicológico. Vejamos, contudo, como essa argumentação se assenta nas ruínas daquele novo “projeto”.

O desenvolvimento da teoria psicanalítica dos anos de sua fundação até sua suposta maioridade tem um direcionamento bem circunscrito. Após desvendar a outra cena do psiquismo, o Inconsciente, Freud trata de mapear esse novo campo e determinar sua dinâmica. A sobredeterminação inconsciente, a produção de suas formações, a interpretação de suas fantasias e o desenvolvimento da libido marcam essa etapa. Os artigos de metapsicologia viriam a ser o coroamento, em termos metapsicológicos, da

topografia e da dinâmica do inconsciente. Imbuído do mais puro espírito científico, Freud procurava delinear as últimas fronteiras da subjetividade, trazendo à luz o precioso tesouro de suas investigações.

O curioso é que os textos mais sistemáticos, sobre pulsões, inconsciente e recalque, vêm acompanhados de dois textos extremamente inovadores, que minam as pretensões sistemáticas dos três anteriores. Ao introduzir o problema do narcisismo e ao discorrer sobre a dinâmica da identificação na melancolia, Freud abre duas grandes linhas de investigação em torno da gênese e estruturação do ego. O narcisismo, particularmente, introduz um ponto bastante delicado, pois coloca o ego como objeto de investimento da pulsão sexual, minando o fundamento da oposição entre pulsões sexuais e pulsão do ego.

É interessante observar o posicionamento de Freud no início do artigo sobre as pulsões, que ilustra bem a tônica dessa empreitada frustrada:

Propus que se distingam dois grupos de tais instintos primordiais: os instintos do *ego*, ou *autopreservativos*, e os instintos *sexuais*. Mas essa suposição não tem *status* de postulado necessário, como tem, por exemplo, nossa suposição sobre a finalidade biológica do aparelho mental; ela não passa de uma hipótese de trabalho, a ser conservada apenas enquanto se mostrar útil, e pouca diferença fará aos resultados do nosso trabalho de descrição e classificação se for substituída por outra. (...) É sempre possível que um estudo exaustivo das outras afecções neuróticas (em especial das psicose neuroses narcisistas, das esquizofrenias) possa obrigar-nos a alterar essa fórmula e proceder a uma diferente classificação dos instintos primordiais. Mas, por enquanto, não conhecemos essa fórmula, nem encontramos qualquer argumento desfavorável para traçar esse contraste entre os instintos sexuais e os do ego. (FREUD, 1996b, pp. 129-130)

Ora, esse texto é escrito depois da introdução do narcisismo, que justamente mostra como os distúrbios narcísicos podem abalar os fundamentos da dualidade pulsional, que é rebaixada a uma hipótese de trabalho. Sem considerar que, estrategicamente, a própria introdução do problema do narcisismo é negada. Eis a negação evidenciando o movimento inconsciente da obra freudiana.

Nessa mesma série de artigos, depois do esforço de caracterizar a teoria das pulsões em termos representacionais, começa a emergir a definição de uma dimensão da pulsão para além da representação. Ou seja, é o problema da qualidade das intensidades libidinais reemergindo depois de sua primeira aparição no *Projeto* de 1895.

Sabemos qual será o resultado de mais essa intenção frustrada. Logo se desdobrará na “virada” dos anos 20, na qual o inconsciente da própria metapsicologia é

incluído no campo de teorização, passando a constituir seu próprio âmago. É nesse sentido que a dimensão do irrepresentável e das identificações irrompe e despedaça em duas direções opostas a teoria das representações que até então constituía o substrato epistemológico da teoria do inconsciente. Em outras palavras, é a dimensão econômica da metapsicologia que passa a ser prioritária, em conjugação com o desenvolvimento de uma teoria das identificações.

Figueiredo (1999) desenvolve uma leitura bastante próxima de *Além do Princípio de Prazer* (FREUD, 1996c) por meio de expedientes hermenêuticos desconstrutivos. Evidencia como a tessitura desse texto de Freud é tributária da intertextualidade com o texto de Ferenczi (FIGUEIREDO, 1999) e do próprio campo das teses da metapsicologia. Além disso, demonstra como a própria dualidade entre o princípio de prazer e o princípio de nirvana opera sob uma lógica suplementar.

A tarefa desta *lógica não-identitária* (como é o caso da *lógica da suplementaridade*) é a de entrelaçar fenômenos/teses com suas condições de possibilidade que são ao mesmo tempo a sua *condição de impossibilidade* e que, nesta medida, são sempre um *outro* irredutível em relação as teses (FIGUEIREDO, 1999, p. 21, grifo do autor)

Aplicada à teoria freudiana, essa lógica implica afirmar que, do ponto de vista epistemológico, as teses que regulam o princípio do prazer em busca de satisfação e união são simultâneas às de um princípio de descarga total e desagregação. Ou seja, pulsões de vida e pulsões de morte são as duas faces de uma mesma lógica de construção teórica; os princípios e decorrências de uma encontram-se em germe na outra, daí sua impossibilidade estrutural de circunscrição em um conjunto de teses que esgote esse campo.

Esse tipo de análise evidencia o movimento próprio da obra de Freud, que parece operar sob uma lógica de suplementações que retomam e ampliam teses potenciais, em um jogo de inclusões e exclusões que transcendem suas intenções originais. Vários autores sustentaram esse tipo de leitura, quer seja para mostrar uma retórica do “não só, mas em vez disso” (MILLER, 1995), um movimento pendular e espiral (MONZANI, 1989) ou uma sobredeterminação inconsciente inerente ao próprio texto freudiano (LAPLANCHE, 1988).

Não nos cabe aqui aprofundar os meandros dessa questão. Nos limites desse breve ensaio comemorativo, gostaríamos apenas de destacar como a própria obra de

Freud aponta para um âmago de desconhecimento inerente às suas próprias fronteiras; algo como o umbigo do seu sonho cientificista. Junto à faceta iluminista de Freud gostaríamos de ressaltar sua porção romântica que, no mais puro estilo “tempestade e ímpeto”, evidenciou o movimento de “eterno retorno” do sujeito do inconsciente.

EPÍLOGO

É nesse jogo entre intenções, frustrações e irrupções inesperadas que certamente encontraremos aquilo de mais fecundo realizado ao longo de incansáveis décadas de pesquisas ininterruptas. É de admirar a certeza de Freud em relação à importância e alcance de sua obra; não obstante, poderíamos arriscar dizer que os rumos que a psicanálise tomou ao longo dos anos após sua morte trariam certamente surpresa a seu criador. A investigação sistemática do aparelho psíquico e da interioridade do sujeito levaria, cada vez mais, aos limites e rachaduras desse mesmo aparelho, revelando aos pensadores que o sucederam nessa tarefa a presença lancinante do outro, dos excessos e do irrepresentável.

A constituição desse sujeito que sempre nascerá prematuro - pedimos aqui licença aos pediatras - é questão que implica o outro num papel fundamental e imprescindível. Isso, hoje em dia, não se coloca mais em discussão. Entretanto, a questão de se saber sobre as origens do eu, em que momento e condições ele aparece, o quanto é tributário desse outro primeiro que é sua mãe e, ainda, a condição congênita de abertura ou, pelo contrário, fechamento da subjetividade em relação ao mundo que lhe dá boas-vindas tudo isso muito se discute, felizmente.

Freud tem sua explicação sobre tudo isso. Fala-nos sobre a perda de um objeto primário e uma relação originária, o surgimento do auto-erotismo, a instauração de “uma nova ação psíquica”, o narcisismo primário e o reencontro com o objeto (FREUD, 1996b, p. 84). Um problema difícil de deslindar, pois se, por um lado, – em grande medida graças à psicanálise – já não pensamos mais o bebê e o universo infantil com a mesma régua que usamos para entender o universo adulto, por outro, não podemos nos furtar ao reconhecimento das desmedidas, disparidades, desencontros e diferentes temporalidades que permeiam o crescimento saudável de qualquer um de nós. Nesse ponto, em particular, Freud dá margem a interpretações antagônicas, que levam a

diferentes concepções acerca do surgimento do eu e do outro nos primórdios da constituição da subjetividade.

Não entraremos nos méritos dessa discussão – entre outras tantas – aqui. O que importa por hora é dizer que essas aberturas, essas intenções cruzadas na própria teoria freudiana, esses movimentos de criação e produção intensas seguidos de outros de desapontamento e reconsiderações, justamente por essa sua condição ofereceram e continuam oferecendo um solo fértil para aqueles que continuam pensando nas trilhas desse autor. Afinal, colher cogumelos não nos deveria impedir de, eventualmente, ver uma bela bromélia.

REFERÊNCIAS

- FIGUEIREDO, L. C. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta, 1999.
- FOUCAULT, M. “História da psicologia de 1850 a 1950”. In: *Ditos & Escritos I - Problemática do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FREUD, S. “Projeto de uma psicologia científica”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- _____. “Sobre o narcisismo: uma introdução”; “O instinto e suas vicissitudes”; “A história do movimento psicanalítico”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume XIV Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- _____. “Além do princípio de prazer”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.
- GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MILLER, J. H. *A ética da leitura: ensaios 1979-1989*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- MANNONI, O. *Freud: uma biografia ilustrada*. Rio de Janeiro : Zahar, 1994.
- MONZANI, L.R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: UNICAMP, 1989.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro : Zahar, 1998.
- LAPLANCHE, Jean. “Interpretar com Freud”. In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988, p. 21-32.

ROBERTO DE OLIVEIRA PREU

Psicólogo, mestre em psicologia pela Universidade Federal Fluminense e doutorando em psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Bolsista CAPES.
Email: robertopreu@uol.com.br

ÉRICO BRUNO VIANA CAMPOS

Psicólogo, mestre e doutorando em psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Bolsista CNPq.
E-mail: ericobvcampos@uol.com.br

ANDRÉ DE MARTINI

Psicanalista, mestre em psicologia pelo instituto de psicologia da USP, membro da equipe de reabilitação da Fundação Dorina Nowill e da Associação de Ballet e Artes Fernanda Bianchini.
E-mail: martini.de@gmail.com

Artigo recebido em: 25/09/2006
Artigo para publicação em: 27/12/2006